

# EDUCAÇÃO BATE À PORTA

Cristina Ávila  
Da equipe do Correio

Os professores da rede pública do Distrito Federal fizeram ontem a maior manifestação popular já realizada no governo Joaquim Roriz. Levaram milhares de alunos para protestar contra mudanças na política de ensino. Em defesa da gestão democrática nas escolas, que permite a eleição dos diretores pela comunidade. E lançamento da campanha Paz nas Escolas. Segundo estimativa do tenente-coronel da Polícia Militar Antônio Serra, que comandou a segurança na manifestação, oito pessoas ocuparam a praça em frente ao Palácio Buriti. O Sindicato dos Professores (Sinpro) calcula que 10 mil professores e alunos participaram do protesto.

A passeata durou 20 minutos entre o ginásio Mané Garrincha e o Buriti. No momento em que chegaram ao palácio, os últimos manifestantes ainda estavam em frente ao ginásio de esportes. A passeata ocupou três pistas do Eixo Monumental.

"A comunidade está disposta a lutar contra a utilização das escolas como um espaço privado do governo", afirma Rejane Pitanga, dirigente do Sinpro. Ela acusa o Governo do Distrito Federal de querer substituir diretores escolares por cabos eleitorais do PMDB sem preparo para a função.

Rejane Pitanga explica que desde 1995 os diretores de escolas no Distrito Federal são eleitos pela comunidade escolar, entre concursados com pelo menos dois anos de experiência, submetidos depois a um curso de preparação de 180 horas.

O sindicato também critica a avaliação realizada na terça-feira pela Secretaria de Educação para avaliar o ensino de primeiro grau rede pública. Quarenta e cinco mil alunos entre 8 e 11 anos responderam a questões de Português, Matemática e um questionário socioeconômico. Na opinião de Rejane Pitanga, "a avaliação é truculenta" e já vem com um objetivo definido. "Querem desmontar a Escola Candanga, acabar com a jornada ampliada dos alunos de quatro para cinco horas, com a coordenação pedagógica e com o acesso de crianças de seis anos ao ensino fundamental."

Rejane Pitanga reclama que, para avaliar a qualidade do ensino, a Secretaria de Educação não poderia fazer uma pesquisa restrita somente a português, matemática e conhecimentos gerais. "Além disso, os professores foram impedidos de ficar em sala de aula durante a avaliação", queixa-se.

## ERROS

O secretário de Comunicação, Welington Moraes, disse que o governo não tem nada a ver com o fim das eleições de diretores. "Essa é uma decisão do Ministério Público e do Supremo Tribunal Federal. O STF entende que o governo não é obri-

Wanderlei Pozzembom



Manifestantes protestaram contra o governo, que poderá nomear diretores de escola e quer avaliar ensino público

gado a reconhecer os resultados das eleições escolares", lembra. O secretário disse que não há propósito de acabar com qualquer projeto do governo Cristovam Buarque.

Mas avisa: "Se a pesquisa constatar erros, vamos corrigir." Welington Moraes alega que o governo Cristovam Buarque também extinguiu projetos do governo Joaquim Roriz, que o antecedeu no Buriti. "Fomos eleitos com um programa de governo, escolhido pelo povo, e vamos aplicá-lo", advertiu. O secretário de Comunicação criticou o Sinpro por levar crianças e adolescentes para as ruas: "E se acontecesse um acidente?"

Embora o Sinpro tenha lançado ontem a campanha Paz nas Escolas, até agora o sindicato ainda não tem o programa definido de combate à violência. Por enquanto, está definido apenas um concurso de frases

que vai premiar estudantes com 130 ingressos para a Micarecandanga.

Na realidade, os manifestantes não foram às ruas somente por causa da campanha e da política de ensino. Mas por outros motivos de insatisfação. "Estamos indignados com as condições de vida da sociedade brasileira", desabafou Mauro Assis, 50 anos, pai de cinco estudantes da rede pública e professor do Centro de Ensino 4, do Guarã.

"Estamos sentindo que esse não é momento para greve. Mas queremos estar mobilizados sempre para lutar contra essa situação. Não tenho nada contra as pessoas que estão no governo, mas a política de governo está errada. Essa política é contra a sociedade. Precisamos de melhores condições de vida. E a gestão democrática é o respeito ao povo", acrescentou Mauro Assis.



## Paz na escola é desafio

O Brasil descobriu a violência nas escolas. Depois que as mortes de meninos e meninas passaram a acontecer em salas de aula, pátios e portões dos colégios do país, representantes da sociedade, organizações não-governamentais (ONGs) e governo decidiram tentar colocar em prática ações para combater o vandalismo, assassinatos, tráfico de drogas e roubos que estão andando junto com as aulas de matemática e português.

"A violência sempre existiu na escola como na sociedade. O que chama a atenção agora é o início da violência letal", observa Oscar Vilhena, secretário-executivo do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas (Ilanud), autor de um estudo sobre como combater a violência nas escolas.

As alternativas para reduzir as agressões no ambiente escolar foram o motivo da Convocação Nacional pela Educação para a Paz, realizada ontem no Memorial JK. Secretários de Educação da maior parte do país participaram do encontro.

O compromisso assinado apela para aquilo que já foi identificado como a única solução para evitar a violência: tornar a escola parte da comunidade em que ela está, e fazer o jovem envolver-se com atividades que possam mudar sua vida.

## TRÊS PONTOS

Um estudo do Ilanud mostra que há três pontos principais para evitar o aumento da violência. O primeiro deles é fazer com que os alunos se sintam proprietários da escola onde estudam. Depois, envolver a comunidade — pais, alunos, professores, vizinhos — no colégio.

Esses dois pontos dependem muito, segundo o estudo, da própria escola, da vontade de pais e professores. Sem a intenção e a participação deles, não há projeto que saia do papel. "A mudança depende da iniciativa de cada escola", afirma o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. "O governo federal pode oferecer informação, subsídios para formação da cidadania, mas cada escola terá que encontrar a sua forma."

O terceiro ponto cabe diretamente aos governos estaduais. A polícia tem que fugir da repressão e ser comunitária. Ensinar, e não prender. Entrar na escola apenas em último caso.

Entre os projetos apresentados como modelo (veja quadro abaixo), todos seguem o que o Ilanud considerou ideal. Daqui a um ano, um novo encontro irá avaliar se o compromisso de Brasília teve algum resultado além dos belos discursos.

## BOAS AÇÕES

Conheça alguns dos projetos de combate à violência nas escolas aplicados em todo o país

### SOS GALERA E SE LIGA, GALERA

#### Distrito Federal

Organizado pela Organização Não Governamental Instituto de Pesquisa e Ação Modular (Ipam) em oito escolas da Ceilândia e do Varjão, formando líderes entre os adolescentes e agentes multiplicadores, que organizam campanhas contra as drogas, violência, etc. nas suas comunidades. Ao mesmo tempo, trabalham com a comunidade para que ela participe da vida escolar. Por enquanto, mais de 7 mil jovens estão sendo beneficiados.

### MOBILIZAÇÃO PARA A PAZ

#### Minas Gerais

A Associação de Pais e Mestres da Escola Maestro Villa Lobos faz o jornal da escola, promove tratamento odontológico para os alunos, seminários sobre violência com filmes e a participação da polícia, psicólogos e historiadores.

### PROGRAMA DE AÇÃO VOLUNTÁRIA ESTUDANTIL

#### Renovada (Praver)

#### Paraná

Estudantes de 7ª e 8ª séries e 2º grau de escolas públicas de Curitiba montaram uma rede de ajuda para atuação em creches, hospitais pediátricos e asilos. Os meninos visitam escolas e promovem apresentações de teatro e oficinas de arte para conquistar novos adeptos.

### CONSTRUA SEU GRÊMIO LIVRE

#### São Paulo

#### CAMPANHA SOU DA PAZ

#### Pernambuco

Incentivo à constituição dos grêmios estudantis nas escolas públicas de São Paulo e Pernambuco, feita pela União dos Estudantes Secundaristas de São Paulo, do Brasil e de Recife. Na cidade de Guarujá, 36 escolas criaram grêmios, envolvendo 50 mil estudantes para promover passeatas, atividades esportivas, etc.

### PROJETO PAZ

#### São Paulo

Desenvolvido dentro da escola estadual Professor Renato de Arruda Penteado, uma das mais violentas da zona Norte de São Paulo até 1996, o projeto passou a levar os pais a ajudar a encontrar soluções para a violência. Tudo passou a ser discutido por pais, professores e alunos. Foi feita também a capacitação de professores para lidar com a agressividade, a escola foi reformada e pintada por alunos e professores.

## PROPOSTAS

- Promover a educação para a cidadania
- Estimular a discussão sobre os valores éticos
- Envolver toda a comunidade escolar nas iniciativas pela paz
- Promover maior integração entre a escola e a comunidade
- Apoiar programas e ações de incentivo ao protagonismo juvenil
- Capacitar educadores para trabalhar os temas de ética e cidadania
- Apoiar programas e ações de incentivo ao esporte, ao lazer e à cultura
- Promover e ampliar oportunidades de inserção dos jovens no mercado de trabalho
- Incentivar a criação de grêmios, entidades estudantis e outras formas de organização juvenil
- Identificar experiências de promoção da paz nas escolas, favorecer o intercâmbio entre esses projetos e

- premiar as iniciativas bem sucedidas
- Integrar os sistemas de segurança pública e defesa social na promoção da paz nas escolas
- Mobilizar a mídia como um parceiro estratégico na construção de uma agenda de valores positivos para os jovens
- Apoiar, realizar e divulgar pesquisas quantitativas e qualitativas sobre o fenômeno da violência nas escolas
- Disseminar e debater nas escolas o manifesto 2000 para uma cultura de paz e não-violência
- Promover a Semana Nacional da Paz, de 10 a 15 de outubro de 1999
- Fortalecer o regime de colaboração entre a União, Estados e Municípios como estratégia para a promoção da educação para a paz
- Promover, no prazo de um ano, uma avaliação dos resultados alcançados a partir desta iniciativa